



Uma roça de Mandioca

A nossa estampa representa o interior de uma casa, onde se faz a farinha de mandioca, com todas as suas preparações.

Temos presente a muito instructiva Memoria escripta por José Villela de Barros, publicada no tomo 7.º das *Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, com o titulo de: «Memoria ou exposição do methodo de plantar, e colher no Brazil a mandioca, e fabricar a sua farinha; e dos mais productos, e usos desta raiz com a applicação do mesmo methodo ao fabrico da farinha das batatas.» — Desta Memoria aproveitaremos as noticias substanciaes.

No idioma dos Indios, *mandioca* significa *pão de casa*, — sendo esta palavra composta de *mandi* (pão), e *oca* (casa.)

A *plantação* da mandioca (raiz mais grossa que a cenoura, mas quasi do seu feitio) é feita, sem escolha de tempo, ou estação, nos montes ou nos valles, mas nunca em lugares muito humidos. — Limpa-se a terra das hervas, cava-se á enxada, e em covas se enterram, a distancia de dois palmos, pedaços de mandioca do tamanho de um palmo; e posteriormente se faz a monda, para destruir as hervas damninhas (*capim melado*, e o sapé) em quanto a planta não está bem arreigada; e depois se quebram os grelos superfluos, afim de fazer engrossar a mandioca.

A *colheita* da mandioca effeitua-se ordinariamente um anno depois da plantação; no entanto alguns conservam na terra a mandioca por espaço de dois annos, e outros chegam a colheita no curto praso de seis mezes, segundo a maior ou menor precisão que tem de sustento.

O *modo da colheita* consiste, ou em arrancar á

mão pelo tronco; ou á enxada se a terra está dura. Cada planta traz de ordinario 3, 4, ou 5 raizes, — as quaes são separadas della, e em cestos conduzidas para a casa do fabrico. Os troncos são enfeixados, e se arrecadam para a nova plantação.

O *fabrico* da mandioca, segundo a citada *Memoria*, consta de cinco operações essenciaes, a saber: *Raspar* (para tirar a parte lenhosa que adhere ao tronco); *rallar* (por meio de uma roda de rallar, de mui simples construcção, com quanto, aliás, a operação seja melindrosa, e demande bastante pericia e facilidade resultante do longo habito); *espremer* (na prensa ou sem ella); *peneirar*; *cozer*.

A mandioca, depois de raspada, rallada, espremida, peneirada e cozida, é o que se chama *farinha de pão*; posta de molho até ficar molle, e depois amassada, feita em bolos, ou pastilhas, e seca ao sol, toma a denominação de *carimá*; a fecula da mandioca lavada, e seca ao sol, é o que se chama *polvilhos*: e os polvilhos humedecidos, e cozidos, tomam a denominação de *Tapioca*.

Voltaremos opportunamente ao assumpto, para mais desenvolvidamente descrevermos as diversas operações, que ficam apontadas.

A GALATÉA MODERNA

(Continuado de pag. 110)

XX

O melhor modo de ferir o coração de uma mulher que ama e não quer amar; ou antes, a unica maneira verdadeiramente scientifica e psychologica de convencer essa mulher da fraqueza e

nullidade dos seus esforços, para resistir aos impetos da paixão, é acordar o ciúme. O ciúme é para o amor o que o ar é para o fogo.

Violante estava decidida a evitar e fugir de Alfredo, como de um demónio vingador e implacável, cujos designios eram perdela para sempre e arrastal-a ao precipício.

Mas como fugir de quem nos foge? Como fugir de uma sombra que só de longe em longe se deixa entrever, e desaparece, como por encanto, mal uns olhos tímidos e receiosos a avistam, agitando-se a medo?

Esta tactica de Alfredo, e com a qual não contava Violante, descoroçoou-a immediatamente, porque de todos os planos, que havia formado, nenhum caía de geito agora.

Violante era como os generaes muito theoreticos e pessimos estrategicos, que planeiam certas marchas e manobras, que dariam, certamente, a victoria, se o inimigo tivesse a complacencia de obedecer cegamente e sem discrepancia, a todas as considerações e hypotheses. Mas se uma destas hypotheses soffre a menor quebra, se um rio não é vadeavel, ou um monte se cobre de neve, a victoria torna-se derrota vergonhosa, e o general, por não se render, terá de fugir em debandada.

O modo de viver e o plano de Alfredo começou, pois, a inquietar o coração de Violante, a qual temia encontrar em toda a parte uma cilada. Tão amedrontada andava, que ate de si mesma se arrecciava. E, comtudo, parece que todas as circumstancias se concertavam para a affoutarem e darem-lhe animo.

Alfredo apenas deixou o seu bilhete, e nem mesmo instou por ter entrada em casa della; coisa natural, não só porque eram parentes, senão porque laços de antiga amizade e reciprocos favores haviam unido desde muito as duas familias.

Violante nunca encontrava Alfredo. Era elle, quem lhe fugia, ao contrario do que fôra para acreditar.

Qual era, pois, a causa de seu receio? Qual o motivo dos seus temores? Nenhum havia, que não fossem presentimentos. Ide lá perguntar á avesinha, porque revoa estonteada e louca, soltando uns gritos afflictivos. Debalde interrogaes o horizonte e entranhaes a vista pelas profundezas do céu. Não encontraes uma nuvem, que tolde a limpidez do firmamento. E, comtudo, a avesinha bate as azas, como que para as experimentar, e ergue a cabeça e fita os olhos. De repente, vêdes escurecer o horizonte, sentis umas lufadas ardentes. As folhas fremem e agitam-se; o vento sacode as arvores. Ouve-se um estridor longinquo. Fendem-se, logo após, os ares, rebrilha um clarão, fulge o raio, e a trovoadá acorda os eccos das montanhas. A avesinha, entanto, foge da convulsão da natureza, e ás vezes cae nas garras do milhano que vóa rapido a esconder-se em algum recesso, aonde possa cevar os instinctos sanguinarios.

Assim pensava Violante; para si tinha que Alfredo seria a causa da sua desgraça e total ruina.

Um dia, que ella estava no jardim, gosando o despedir do sol, naquella hora melancolica, cheia de ineffaveis docuras, que são o enlevo dos poetas; quando a imaginação lhe corria ás soltas, scismando, como nos annos da infancia, entrou a baroneza.

Sentaram-se ambas.

A baroneza vinha radiante e formosa, como quem se sente feliz, e quer contar a sua felicidade para a augmentar.

— Sabes, querida, disse ella, envolvendo Violante com um olhar demorado; que estou profundamente namorada?

— Tu? respondeu Violante admirada.

— Sim. E porque te espantas?

— Estás namorada de teu marido? Isso vinha a tempo!...

— De meu marido!? Quão louca és! Pois eu amei alguma vez o meu marido? Casaram-me, e eu, que não podia resistir, obedeci.

— Então de quem estás namorada?

— Ah! Se tu o souberas! Se podesse avaliar como sou feliz! Oh! o amor! o amor! Que de thesouros reconditos e ignotos não descobre esta palavra no coração da mulher amante e amada!

— Nunca te vi assim, querida! E amas, com effeito? Pois tão exaltada te ostentas!

— Amo, sim, amo Alfredo.

— Alfredo!... Ah! exclamou Violante, fazendo um esforço violento para abafar os gritos, que pareciam despedaçar-lhe a alma.

— Alfredo, sim.

— E elle, ama-te?

— Loucamente, cegamente. Não imaginas como vivo em perpetua primavera.

E a baroneza começou a contar, com uma fidelidade e minucia implacaveis, toda a sua epopea, o modo porque sempre amou Alfredo, a frieza delle, depois a paixão que revelou, todos esses mil episodios, que parecem nada e são tudo na vida das mulheres, que comprehendem e avaliam a vida.

— És bem feliz, ciciou Violante, encostando-se ao tronco de uma arvore. És bem feliz, porque amas. Mas eu não te invejo a felicidade, nem a quizera, proseguio depois de uma pausa angustiosa, porque o amor é afinal um tormento.

— Não digas isso, louca, tornou a baroneza. Eu bem sei que tu és fria, como marmore, e nasceste com um coração improprio para as grandes paixões. Sei que engeitaste o amor de Alfredo, porque temeste amal-o. Por isso sou franca, e tudo te confesso.

— E se eu o amasse ainda? bradou Violante, erguendo-se de repente.

— Se tu o amasses, respondeu a baroneza, fitando-a com olhos ardentes. Se tu o amasses, lutaríamos, até que uma de nós morresse!

— Tens razão. Eu não o amo, e só desejo a tua felicidade, tornou Violante, sentando-se outra vez, e limpando a furto uma lagrima que lhe corria pelas faces.

— E fazes bem. Olha, queres uma confidencia?

— Dize.

— Elle nunca te amou. Ainda ha pouco m'ò disse. Na solidão dos fraguados, vivendo uma vida monotonica e singela, vio-te, e naturalmente, como acontece na mocidade, fez-te a fada dos seus sonhos. Scismava em ti, porque eras a unica, em que podesse scismar. Romanceou contigo em vez de poetar com a primeira pastora de pés descalços e saiole curto, que encontrasse guiando o rebanho pelos alcantis. Ha uma idade na vida em que é necessario que o coração desafogue e ame alguém ou alguma cousa. Elle julgou amar-te; julgou, nos seus devaneios de rapaz e de poeta, que tu eras a violeta escondida no valle, que só a elle seria dado colher e bafejar. Pensou que no teu peito encontraria os thesouros, com que trocar os que encerrava no coração. Os suspiros, que soltava, as lagrimas, que lhe rociavam as faces, aquellas palavras, semi-abafadas pela commoção e pelo bater apressado e louco do coração; o balbuciar do amor, que acode aos labios e logo se entranha outra vez; tudo isto, que é a propria essencia da mocidade, como a fragrancia é a essencia das flores, referio elle a ti, como causa de que só era motivado pela idade e pelo lugar. Tu foste como o fanal, que dirige o nauta e o conduz ao porto. Chegado ahí, esqueceu o pharol, e lança ancora ao abrigo da tormenta. Por isso, quando falla de ti, applaude-se de não te haver amado e bem assim de que tu o não ames tambem. Se elle te amasse, diz ás vezes em intima confidencia, nunca houvera entrado o porto, e acaso agora ainda, lá andaria foz em fóra, sem norte e sem rumo, perdido na solidão das ondas, arrojado pelos ventos aos arrecifes da costa. Oh! não! prosegue Alfredo. Foi melhor, muito melhor assim. Fiquei livre, livre o coração, livre a alma para poder amar, sem arrastar atraz de mim, como um condemnado, a corrente de um remorso e as maldições da mulher traida. Na primavera da vida, quando o sangue se engolpha nas arterias e produz a febre das sensações, o sentimento nasce a flux e com a espontaneidade das boninas, que matizam os prados. Desgraçado do que, nessas horas de febre, se deixa captivar, e julga amar com phrenesi, e abraça a nuvem por Juno. Depois, quando succede o repouso, e a alma socega e se applaca, como um lago que, agitado pelo vento, mal este descae, alisa a superficie e espelha-se de novo; então se conhece o erro, quando já não ha remedio, senão soffrer perpetuamente. Embora sinta a necessidade invencivel de amar, não póde obedecer aos impulsos do coração, se, por ventura, é amado, por aquella que innocentemente o enganou.

— Mas se não é amado tambem viverão os dois em perpetua mentira.

— Isto me ha dito muitas vezes Alfredo, minha querida viscondessa, quando, nos seus protestos de amor, intenta socegar o remorso, que eu teria de roubar o teu antigo amante.

— Amante!... gritou, enfim, a viscondessa, erguendo-se, como uma estatua, á qual de repen-

te dessem vida. Amante!... proseguio, dando duas passadas, hirta, pallida, erecta, dominando, com os olhos fixos e brilhantes, a baroneza, que a contemplava espantada. Eu nunca tive amantes, porque...

— Porque é muito virtuosa, respondeu a baroneza.

— Não, minha senhora. Sou muito peccadora, mas não mendigo o coração de um homem.

— Ah! Percebo a ironia. Isso é ciume. Desculpo.

— Mas eu não quero aceitar as suas desculpas, porque não sou culpada. Peço-lhe que diga a meu primo, que estou muito satisfeita, e contentissima com lhe ter mostrado o porto, aonde veio abrigar-se.

— V. ex.^a quer guerra?

— Eu! Deus me livre. Quero socego, e solidão. Prometto-lhe que não hade ouvir fallar de mim.

— Como quer estar só, eu me retiro. Adeus.

E a baroneza foi-se. Violante teve a coragem de a acompanhar, e de dizer, com voz vibrante: «a carruagem da senhora baroneza.»

Voltou logo para o jardim, e caio, quasi desfallecida, sobre um banco de ferro.

Passavam-lhe, perante os olhos, umas visões pavorosas e terriveis. Julgava-se morta; ouvia o dobrar melancolico de um sino; e as vozes roufenhas dos padres, entremeciadas de gargalhadas, que Alfredo soltava de vez em quando, ao tempo que, debruçado sobre o cadaver, lhe lançava agua-benta. Depois calava-se tudo, e Alfredo voltava de repente, trazendo a baroneza, e começavam a dançar, em volta do sarcophago, uma dança infernal e medonha.

Violante acordou, tremendo de frio. Vinha rompendo a lua por traz das arvores. Umas nuvens retinctas, recortando-se em novellões phantasticos, appareciam pelos intervallos do arvoredò.

Violante, como todas as pessoas nervosas, saltada pela febre, via, em tudo, imagens funebres e prenuncios de morte.

— Ah! exclamava ella. Alfredo está vingado. Sinto que o amo, pelo ciume que me rala o peito. Mas elle despresa-me, e ama essa mulher, em cujos braços reclina a cabeça. Despresa-me e chega a agradecer o não poder amar-me, naquellas horas de embevecimento, que não mais hão de voltar. Hoje agradece á Providencia o conservalo livre, para poder entregar-se á baroneza. E hoje ainda amo-o, e tudo me diz que para sempre hei de amal-o. Como outr'ora, em dias afortunados, como sempre, desde que o vi, ouço em toda a parte a palavra «amor» a repercutir-se em meu peito. Em uma noite, como a de hoje, no velho jardim de meu pae, á sombra de um velho castanheiro, dizia-me Alfredo: «Olhe, Violante, repare na lua, por entre aquellas duas folhas. Como ella se ergue, circumdada de um véo de gase; como scintillam a medo os seus raios. Não lhe parece que a lua me está dizendo: és feliz e saudote, Alfredo, porque amas. Não ouve o rouxinol que solta os seus quebros nas balsas? Como

elle me está dizendo: para ti canto, Alfredo, para ti, que amas e és feliz. Que doçuras e festas no primeiro amor! Repare no pyrillampo, que voeja no relvado. Ouça, como elle diz tambem: Eu sou o facho, que allumio os teus amores, Alfredo. Como elles, é casta e recatada a minha luz, mas como elles não será, ai de mim! eterna e vivaz! E a brisa! Attenda como ella freme as invisiveis harpas. Ouça as suaves e mysteriosas harmonias, com que ella enche a mudez da noite. Sabe, Violante, o que me diz a brisa? Feliz Alfredo, respira-me porque perpassei agora mansinho sobre os cabellos della, rocei de leve o carmim dos seus labios.» E eu, ao ouvir esta confissão de Alfredo, não me lancei nos braços d'elle, e não aceitei o longo beijo de amor, que elle me estava offerlando. Engeitei o amor d'elle, porque não quíz um remorso, e agora... só me resta morrer. Morrer! morrer na flor dos annos, quando podia ser feliz. Morrer! se me resta a vingança! Não! o desespero mata. O ciume, que todos os dias é forçoso encobrir, depressa dilacera as entranhas, como um veneno corrosivo.

(Continúa)

A. OSORIO DE VASCONCELLOS.

ANOTAÇÃO RAPIDA DE ALGUNS EXCERPTOS DOS NOSSOS CLASSICOS

Peco aos leitores que passem pelos olhos o seguinte excerpto, e a rapida annotação que faço a diversas passagens do mesmo. Suppondo que tem a condescendencia de annuir ao meu pedido, direi no fim o alvo a que atiro no breve trabalho que ora enceto.

Excerpto do sermão «Do nascimento da Mãe de Deos» pregado pelo Padre Antonio Vieira. (Tom. VII. pag 147 e 148.)

— Os homens (deve de ser porque são mortaes) o que costumam festejar com maiores demonstrações de gosto, parabens e applausos, assim publica como privadamente, são os nacimentos. (1) Mas isto de nacer, pelo que tem de sy, nem merece alegria, nem tristeza: antes, se bem se considera, mais digno he de tristeza, que de alegria. (2) Não debalde, com ser o risivel a primeira propriedade de nossa natureza, a mesma natureza nos ensina a nacer chorando. (3) Com lagrimas choraram muitas nações os nacimentos, que nós solenisamos com festas, e não sey se nos deverão tornar o nome de barbaros, que lhe damos. Queixamonos da vida, e festejamos os nacimentos, como se o nacer não fôra principio da mesma vida, que nos traz queixosos. (4) O nascimento he o principio da vida, como a morte o fim: e huma carreira que tem o fim tam duvidoso; huma navegação que tem o porto tam pouco seguro; (5) como pôde ter o principio alegre? Nacemos sem saber para que nacemos, e bastava só esta ignorancia, para fazer a vida pesada, quando não tivéra tantos encargos (6) sabidos. Os ditosos e os desgraçados todos naceram, e como são mais os que accusam a fortuna, que os que lhe dão graças, mayor materia dão os nacimentos ao temor, que á esperanza. A esperanza promete bens, o temor ameaça males, e entre promessas, e ameaças tanto vem a se padecer o que se espera, como o que se teme. (7) A quem começa a vida, tudo fica futuro, e no futuro nenhuma

distinção ha de males a bens, todos são males, porque todos se padecem. (8) Os males padecem-se, porque se temem, os bens padecem-se, porque se esperam; e para affligir o mal, basta ser possível; para molestar o bem, basta ser duvidoso. (9) Se alguma cousa nos podéra segurar os sobresaltos desta contingencia, (10) parece que era o tempo, (11) o lugar, e as pessoas de que nacemos; mas por mais que destas circumstancias conjecture a vã sabedoria felicidades, (12) o certo he, que nem o tempo as influe, nem a patria as produz, nem dos mesmos pais se herdão » =

ANOTAÇÃO

(1) Repare-se bem no tecido desta phrase. A ordem grammatical, e a clareza da expressão, exigiam a seguinte construcção: *O que os homens (deve de ser porque são mortaes) costumam festejar com maiores demonstrações de gosto, parabens e applausos, assim publica, como privadamente, são os nacimentos.*

Tambem o conceito que vem no parenthesis devêra estar collocado no fim da phrase; mas Vieira collocou-o logo depois da palavra — *homens* — para não distanciar destes a qualidade de — *mortaes*; e assim logrou dar maior vivacidade á expressão do pensamento.

O — *deve de ser porque são mortaes* — é uma locução engraçada, que por ventura alguns preferirão ao modo de dizer de hoje: *Será talvez, ou — Talvez seja, porque os homens são mortaes.*

A transposição que acima notámos é frequente nos nossos classicos, e por vezes, como neste caso, communica uma certa emphase ao discurso, — outras vezes, porem, o torna confuso e malsoante.

(2) Hoje exprimimos o mesmo pensamento do seguinte modo: *Mas o nascimento em si proprio, não tem de que nos alegrar, nem de que nos entristecer; antes, pensando-se bem, mais parece dever excitar tristeza, do que alegria.*

Nesta ultima fórmula ha mais conformidade com a grammatica philosophica; na fórmula que o padre Vieira adoptou ha mais energia de expressão.

De passagem observaremos que nos parece melhor escrever — *nascimento* — do que — *nacimento* — como escreve o padre Vieira; a razão etymologica é, neste caso, muito poderosa.

(3) A proposição que começa em — *Não de balde* — e acaba em — *nacer chorando*, examinada attentamente, não tem a indispensavel precisão philosophica, nem exprime correctamente o pensamento do orador.

Não consente a boa razão que se diga «que a Natureza nos ensina a nacer chorando.» O homem apenas sae do ventre materno, rompe logo em choro; e deste facto induz a philosophia, que a Natureza — parece querer significar — que as creaturas humanas são destinadas para o sofrimento, para uma vida de provações: o que é inteiramente diverso de *ensinar a nacer chorando*.

Que quer dizer: — *Com ser visivel a primeira propriedade da nossa natureza* — ? — Se o homem nasce chorando, a primeira propriedade da sua natureza não é, por certo, a de rir. — Se o orador quiz dizer que a vida do homem não é uma cousa seria, mas sim um escarneo, um objecto de riso e de motejo..., ou havemos de concluir que exprimio um pensamento improprio da gravidade da cadeira Evangelica, ou que não atinou nesta occasião com a propriedade dos termos.

(4) As duas antecedentes phrases são de uma

belleza de dicção, de um primor de concisão inexcusáveis.

(5) Pensamento muito bem exprimido. A comparação da vida do homem com a *navegação que tem um porto pouco seguro*, é summamente feliz e apropriada.

(6) A palavra — *encargos* — não exprime com bastante energia os padecimentos, os contratempos, as tribulações da vida do homem.

(7) Veja-se como o orador vae desenvolvendo o pensamento, amplificando-o mais e mais de um modo sublime!

(8) Tem um tanto de metaphysico esta passagem: — *e no futuro nenhuma distincção ha de males a bens.*

(9) Expressão ousada — *padece bens* —! O homem suspira pelos bens que antevê ou espera no futuro; afflige-se de que não cheguem em breve; entristece-se com o receio de que não se realizem: tudo isto é natural, tudo isto é proprio do coração humano; mas nenhum destes factos auctoris a dizer que o homem *padece os bens* do futuro.

A expressão — *e para affligir o mal, basta ser possível* — offerece obscuridade, pois que ficamos em duvida, se o mal afflige, ou é o affligido; — e o mesmo podemos dizer a respeito da expressão que se segue: — *para molestar o bem, basta ser duvidoso.*

(10) *Os sobresaltos desta contingencia*: expressão felicissima de energia e propriedade. Só o grande mestre da nossa lingua poderia inventar uma tão expressiva locução.

(11) «Se alguma cousa *podera* segurar... parece

que *era tempo*, etc.» — Devera dizer: «parece que *seria* o tempo.»

(12) «Mas por mais que destas circumstancias conjecture a vã sabedoria felicidades.» — Lendo-se attentamente esta phrase, sôa mal a collocação das ultimas palavras. Melhor seria ter dito: *Mas, por mais felicidades que a vã sabedoria etc;* e de arte apreciaríamos muito mais a excellencia do que as segue: *nem o tempo as influe, nem a patria as produz, nem dos mesmos pais se herdamos.*

— Nestas rapidas notas exprimimos enthusiasmicamente a nossa admiração, nas passagens do excerpto que nos pareceram formosas; mas igualmente assignalámos sem hesitação o que, aqui e acolá, se nos affigurou ser defeituoso.

Este modo de ler reflectidamente os nossos classicos tem a vantagem de nos habilitar para a escolha de bons modelos, e de nos desviar da cega sujeição á auctoridade de escriptores, que nem sempre, nem em tudo é legitima.

Lendo assim pausadamente os livros de boa nota, e fazendo-os passar pela fieira da analyse philosophica, lograremos escrever correctamente, e communicar á expressão dos nossos pensamentos a clareza e exacção indispensaveis.

Tal é o alvo a que atiro nas *Annotações* que ora enceto. Nas demais, que pelo tempo adiante havemos de publicar, diligenciaremos alargar a esphera das observações, e enriquecer o nosso trabalho com diversos elementos de estudo.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.



Fenelon

Os grandes homens que, á semelhança de marcos milenarios, destacam cercados de gloria, no caminho dos seculos, tanto mais se elevam e deslumbram os olhos da posteridade, quanto os seus contemporaneos descem abaixo na escala da immoralidade e da ignorancia.

É tambem por isso que o grande homem de

letras, o virtuoso arcebispo-duque de Cambrai, Francisco de Salignac de la Motte Fenelon, se eleva, como vulto radiante e sympathico, acima do ar mesitico que se respirava na luxuosa côrte de Versailles, reinando Luiz XIV.

«A côrte de Luiz XIV! — exclama o cardeal Maury — Que domicilio para Fenelon! Lá, no meio

dessas festas, onde muitas vezes, sob o pomposo titulo de victorias, se celebra o conjuncto de todas as calamidades humanas, lá mesmo é que elle escreverá o *Telémaco!* ; Platão não escrevia os seus dialogos no palacio de Siracusa?... Aristoteles os seus tratados de moral nas tendas de Alexandre? Morus a sua *Utopia* numa das terras da real residencia de S. James, debaixo dos olhos de Henrique VIII?...»

Mas não foi a ambição que guiou á côrte de Versailles La-Motte Fenelon. Outro era o seu caracter. Tambem não foi o nascimento: filho 17.º de Pons de Salignac, marquez de Fenelon, nasceu a 6 de agosto de 1651, e desde tenros annos se consagrara, na solidão da sua provincia, á vida meditativa, que sempre o caracterizou. Os folguedos e opulencia da côrte de Luiz XIV não deslumbravam a vista do joven Fenelon, que espontaneamente a destinara á igreja.

Abraçando a vida ecclesiastica, a um tempo estudava a sublime religião do Christo, formava o gosto, e aperfeicoava os seus dotes oratorios. Aos 26 annos, Fenelon era já um theologo profundo, e um orador completo.

A esse tempo, o arcebispo de Paris chamou da provincia o padre Fenelon e nomeou-o superior dos *Novos Catholicos*. Foi nesta posição que o futuro arcebispo duque de Cambrai revelou o seu grande talento oratorio, de tal geito que o mesmo Luiz XIV o nomeou chefe duma missão nas costas de Saintonge.

A religião calvinista recrutava então adeptos nas fileiras do catholicismo. O monarcha havia destacado para Saintonge e provincias limitrophes, algumas legiões que impecessem, quanto possivel, os progressos do catholicismo; mas, reconhecendo que a força não abala a idéa, resolvera escudar-se tambem nas armas da eloquencia.

Fenelon, ministro duma religião alicerçada na caridade, na paz e no amor, rejeitou a nomeação enquanto o rei não mandou retirar de Saintonge a força armada.

Depois, era de ver como um homem eloquente dismantelava os baluartes da religião reformada, manchados de sangue, mas nem sequer abalados pelas legiões de Luiz XIV.

É já fóra de duvida que a ponta do ferro fratricida não leva ao coração a luz da verdade. O — *cré ou morre* — primeira divisa dos apóstolos do Islam — lá ficou soterrado nas ruinas da idade-media. Mais tarde, a inquisição e os tyrannos, á força de cavar nessas ruinas, resuscitaram a divisa fatal do *Velho da mananha*; e a legenda que outr'ora decorou as bandeiras do propheta de Yatreb, veio macular a sacrosanta bandeira da religião dos martyres! A sombra de Mafamede, abandeando-se á sombra de Arbués, Torquemada, Isabel de Inglaterra e Luiz XIV, antolha-se-nos ainda que se ergue ensanguentada do seu tumulo de ferro, para cuspir affrontas na consciencia do homem. Mas essas imagens horripilantes, que se enfileiram diante dos olhos do pensador, deixando após de si um rasto de sangue, nunca jámais

acarearão os peitos das almas generosas e verdadeiramente christãs, como Fenelon.

— Para Fenelon — diz um seu biographo — o christianismo era uma philosophia sublime, o primeiro mobil da felicidade, um supplemento da consciencia, a virtude em acção, uma religião de amor que chama irmãos aos nossos inimigos.

Era com a força da verdade, secuncada pela sua voz auctorisada e eloquente, e não com a força das armas, que o virtuoso orador esperava trazer ao aprisco da fé catholica as ovelhas tresmalhadas do rebanho universal. E de facto, nessas paragens onde Fenelon soltava a sua voz, modelada pela de Basilio e Chrysostomo, os calvinistas abeiravam-se delle, suspendiam-se-lhe dos labios, e, ao passo que os seus visinhos corrilegionarios soffriam os mais deshumanos tractos, sentiam elles, os calvinistas de Saintonge, a salutar influencia da docura, do exemplo, dos beneficios, da palavra de Fenelon, e o catholicismo triumphava.

Os gloriosos trabalhos do missionario de Saintonge deram-lhe uma reputação europeia; e todavia Fenelon, aos 35 annos de idade, ainda não era conhecido por nenhuma producção litteraria. Mas quem tinha por norma o preferir *a si os amigos, aos amigos a patria, á patria o universo*, (1) não havia de limitar-se a chamar aos ágapes da illustração os povos de Saintonge: o orador lançou mão da penna; mas na familia humana, quem mais precisaria de commungar o pão do espirito? Os que se embrenhavam nos labyrinthos da philosophia, lá tinham, para os guiar, Descartes e Malebranche, que se opulentavam de seiva intellectual. Os que desejassem iniciar-se nos mysterios das mathematicas, lá tinham o grande Newton, o sacerdote augusto, que lhes guiara os passos, illuminando-lhes a rasão. Quem quizesse abraçar a vida asceta, podia estudar Francisco de Salles. Quem não quizesse atascar-se nos marneis da theologia, podia seguir a rota, abertã por Thomaz de Aquino, o *doutor angelico*, por Pedro Lombardo, o *mestre das sentenças*, por Bernardo, por Lanfranc. Quem quizesse estudar os bons poetas, podia socorrer-se então a Corneille, Camões, Lope de Vega. Emfim, a idade media havia sacudido e arremessado para longe o seu manto de sombras; as letras haviam renascido, e o homem no seculo XVII, podia buscar e saborear os fructos de todos os ramos da magestosa arvore da sciencia humana. O homem, sim; mas a mulher? Esta, expulsa do Eden, por haver tocado ness'outro pomo fatal, negou-se-lhe o pão do espirito, e fecharam-se-lhe os sanctuários da sciencia. A mulher, essa segunda providencia, que Deus, por sua infinita bondade, collocára ao lado do homem; a mulher, a cuja alma raramente se casa o egoismo; a mulher, que nós, a cada passo, vemos debruçada sobre o berço do infante, orvalhando com lagrimas de alegria, as flores da innocencia; a mulher, que, abeirando-se do leito onde o pae, o esposo ou o filho se estorce nos ultimos paroxismos, enxuga, com um beijo de amor e saudade,

(1) Ramsay, *hist. de la vie*.

a derradeira lagrima do moribundo; a mulher, haviam-lhe disputado até a existencia da alma, e ainda em tempos de Fenelon lhe contestavam o direito á illustração do espirito. A França, que sempre timbrara de marchar na vanguarda das nações civilisadas, havia já chegado ao ultimo quartel do seculo XVII, e ainda não tinha um nome de mulher no pantheon das suas glorias litterarias.

Mas lança mão da penna o grande Fenelon. A illustração da mulher vae ter o primeiro apostolo.

(Continúa)

CANDIDO DE FIGUEIREDO.

UMA CEREMONIA MUITO SIGNIFICATIVA

Ce sont autant de leçons de morale qui nous enseignent nos devoirs, nous avertissent des vertus que nous devons pratiquer et des vices que nous devons éviter.

L'Abbé Bergier. Dict. de Théol.

São outras tantas lições de moral que nos ensinam os nossos deveres, nos advertem das virtudes que devemos praticar, e dos vícios de que nos cumpre fugir.

No solemne acto da acclamação de el-rei D. Duarte, illustre filho do grande e incomparavel D. João I, succedeu um facto, ao perecer de pequena monta, mas que o chrcnista do real auctor do *Leal conselheiro* julgou, e ainda bem, merecedor de ser commemorado.

Terminada que foi a solemnidade da acclamação, disse el-rei D. Duarte a D. Alvaro d'Abreu, bispo de Evora: *Bispo, se vos bem parecesse, eu queria que no cabo deste auto queimassem aqui ante my humas poucas d'estopas, por lembrança e comparaçam que esta gloria, e pompa do mundo asy dura pouco, e passa muy brevemente.*

Ao que o bispo respondeu: *Parece-me, Senhor, que a memoria e conhecimento que disso tendes, escusa por agora outra cerimonia.* (1)

Ao prelado, como vemos de sua resposta, pareceu que devia ser dispensada a cerimonia; mas nem por isso andaria menos avisado, se conviesse na observancia da mesma, como sendo profundamente significativa, e de effeito moralizador e grave, pois que aos circumstantes, não menos que ao novo rei tornaria bem sensivel a *condição caduca das felicidades terrenas.*

E não seria tão fóra de conta, aos olhos de um ministro da Igreja, aquella cerimonia, por quanto em Roma tem sido usada, — e, o que mais é, na coroação dos Pontífices.

No transito da capella Clementina para o altar papal, o mestre ceremonias accende uma pouca de estopa, que tem presa á extremidade da maça de prata, e ajoelhando aos pés do Pontífice, entõa por tres vezes estas palavras: *Sic transit gloria mundi. Assim passa a gloria do mundo!*

Refere o padre Manoel Bernardes que o Summo Pontífice Sixto V, quando no dia da sua coroação lhe queimáram a estopa, com as palavras costumadas: *Sic transit gloria mundi, Sanctissime Pater*, proferira, de seu motu-proprio, e sem serem da cerimonia ritual, as seguintes palavras: *Gloria nostra non transibit; quia solum justitiam habemus in voto*, como se dissesse: *A nossa gloria*

não ha de passar, porque o que unicamente pretendemos, é governar com justiça.

 (2)

Tambem Heitor Pinto viu, na coroação do papa Pio IV, irem queimando diante deste umas estopas em cima de uma haste, com um pregão que dizia: *Padre santo! Assim se passa a gloria deste mundo!* O grave moralista accrescenta: «No meio daquella festa de tanta gloria e solemnidade lhe iam trazendo á memoria o fim das cousas do mundo. E he esta cerimonia a meu ver muy excellente, polo proveyto que traz consigo a lembrança do mundo.» (3)

Mas não será acaso necessaria uma tal advertencia? Sim: quanto mais alevantada é a situação a que chega o homem sobre a terra, quanto maiores dignidades e honras se accumulam na sua pessoa, tanto maior é a necessidade de oppôr aos perigos da vaidade, da enfatução e do orgulho a memoria da brevidade das glorias do mundo. *Lembre-se a estatua, de que não tardará a pedrinha sem mãos, que reduza a poucas cinzas a formosura e fortaleza de seus metaes!*

Com rasão encarece o citado Bernardes o judicioso da empreza e competente letra que o Papa Martinho V adoptou. Martinho V pertencia á antiga e muito illustre familia Colonna, e antes de ser elevado ao throno pontificio tinha o nome de Othon Colona; pois assim mesmo, quando snbio ao pontificado tomou por *empresa* o Mundo com muitas thiaras, coróas, purpuras, mitras, bastões, espadas, elmos com seus timbres, tudo abrasando-se no meio de uma fogueira: e dizia a letra: *Sic omnis mundi gloria.* Assim é toda a gloria do mundo.

— Diz-se que no meio da apparatusa coroação dos imperadores gregos, lhes apresentavam um vaso cheio de cinzas e de ossos de defuntos, e ao lado uma pouca de estopa, á qual lançavam o fogo. (4)

— Esta disposição para offerecer aos grandes e felizes da terra uma imagem, ou uma advertencia da brevidade com que tudo passa, encontrámol-a já entre os antigos romanos, — que, aliás, parecia estarem tão arredados das tendencias suavemente melancolicas dos tempos modernos.

Com a pompa e valentia de linguagem de um insigne orador sagrado, daremos um exemplo do que, neste particular, era estylo do povo rei:

— A maior ostentação de grandeza, e magestade que se vio neste mundo, e uma das tres que Santo Agostinho desejava ver, foi a pompa e magnificencia dos triumphos Romanos. Entravam por uma das portas da cidade naquelle tempo vastissima, encaminhados longamente ao Capitolio; precediam os soldados vencedores com acclamações: seguiam-se representadas ao natural as cidades vencidas, as montanhas inacessiveis escaladas, os rios caudalosos vadeados com pontes: as fortalezas e armas dos inimigos, e as machinas com que foram expugnadas: em grande numero de carros os despojos, e riquezas, e tudo o raro e admiravel das regiões novamente sujeitas: depois de tudo isto a multidão dos captivos, e talvez os mesmos Reis maniatados; e por fim em carroça de ouro, e pedraria, tirada por elefantes, tigres, ou leões domados, o famoso Triunfador, ouvindo aquelle glorioso e teme-

(2) *Nova Floresta*. Tomo V. 497 e 498.

(3) *Imagem da Vida Christam. Dialogo da lembrança da morte.*

(4) *Dictionnaire historique des cultes religieux.* Veja — *Couronnement.*

(1) *Chronica do senhor Rei D. Duarte. Escripção por Ruy de Pina.* Cap. 2.º tomo 1.º dos *Ineditos de Historia Portugueza*, pag. 78.

roso pregão: *Memento te esse mortalem*: Lembra-te de que és mortal. (5)

Recorda o classico, acima citado, na fé de Aulo Gellio, que até aos proprios soldados, que em numerosas fileiras, e com luzidas armas acompanhavam o vencedor, era permittido naquella dia ir-lhe dizendo trovas de escarneo, e atirando com remoques de seus vicios, *que serviam como de borrifos para abater a poeira da sua vaidade*. (6)

Todas essas imagens e exemplos, porém, ficam muito abaixo das admiraveis comparações do Livro da Sabedoria.

As honras do mundo, as riquezas, as delicias... todas passaram como a sombra; como o correio, que sempre caminha e não pára; como a náó, que vai cortando as ondas, e depois que passou, se lhe não acha rasto; como ave, que voando, e batendo o leve vento, que corta, nem sinal deixa do seu caminho; como a seta despedida do arco ao logar destinado, que dividindo o ar, o qual logo se cerra e une, não se póde conhecer por onde passou; como a lanugem, ou flor da fruta que a leva o vento; como a espuma que se faz e desfaz com o bater das ondas; como o fumo, que os ventos dissipam; como a memoria do hospede, que passou um dia pela estalagem. (7)

— Para que o homem chegue a escutar o aviso do desengano, e a ouvir a verdade, é indispensavel que esta lhe seja repetida muitas vezes. Tal é a desculpa deste breve apontamento.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

UMA OBRA DO SECULO IX

Chronicon albeldense

(Continuado de pag. 112)

21. Teuderico, reinou XIII annos. Este com os seus Godos auxiliou Avito para apoderar-se do Imperio, pelo que, e com licença do mesmo Avito, entrou em Spania com grande exercito, e a XII milhas de Asturica, perto do rio Urbico, venceu Ricciario, Rei dos Suevos, e perseguindo-o, o aprisionou em Portucale e lhe deu a morte. Apodera-se de Bracara, e em seguida atravessando a Lusitania, regressa ás Gallias. Ali é assassinado por seu irmão Eurico, imperando Leão.

22. Eurico, reinou XXVI annos. Devastou a Lusitania, apoderou-se de Pampilona e Cesárea Augusta. Foi o primeiro que deu leis aos Godos. Morreu em Arles, sendo Imperador Cenon.

23. Alarico, seu filho, reinou XXIII annos. Huduhildo (Clodoveo), Rei dos Francos, deu-lhe a morte em uma batalha perto de Pictaven. Theodorico, seu sogro, Rei da Italia, vingou-o derrotando os Francos, e restituiu aos Godos o reino imperando Anastacio.

24. Gesalaico, filho de Alarico, reinou III annos. Vencido em Narbona por Gundebando, Rei dos Burgundinos, refugiou-se em Barcinona. Dequi dirigio-se á Africa a pedir auxilio aos Wandalos, porém, não o alcançou. Na volta foi morto em Barcinona por um general de Theodorico, Rei de Italia.

(5) *Sermões*. Tomo V. 20 e 21.

(6) *Bernardes*. *Nova Floresta*. V. 499.

(7) Veja a traducção de Vulgata, nesta passagem, em Vieira, Bernardes, e Figueiredo.

25. Depsis de morto Gesalaico, o citado Theodorico obteve o Reino dos Godos por espaço de XV annos, e deixou-o a Atalarico, seu neto, que lhe sobreviveu. Depois voltou á Italia, e ali morreu no imperio de Justiniano.

26. Amalarico, reinou V annos. Vencido em Narbona, foi morto por Vildeberto, Rei dos Francos, imperando Justiniano.

(Continúa)

SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

Jornal de sciencias mathematicas, physicas e naturaes, publicada sob os auspicios da Academia Real das Sciencias de Lisboa. N.º 1.º Novembro; n.º 2.º Março. Lisboa. Typographia da Academia 1866-1867.

Foi por certo um bello pensamento, o da Primeira Classe (*Classe das sciencias mathematicas, physicas e naturaes*) da Academia Real das Sciencias de Lisboa, de fundar um Jornal exclusivamente scientifico, no qual, não somente os socios daquella corporação, senão os demais cultores da sciencia em Portugal podessem estampar os seus escriptos.

Com razão entendeu a indicada Classe, que um tal Repositorio não poderia, por em quanto, ser commettimento de uma empreza particular, pois que o mercado destas publicações nem sequer daria para as despezas da impressão.

Grande é e muito louvavel, o serviço que á litteratura scientifica faz a Primeira Classe da Academia em publicar o Jornal que ora anunciamos, e do qual saíram já a lume dois numeros.

O primeiro numero, relativo ao mez de novembro de 1866, começa por uma bem elaborada *Introduccão* (devida á penna habillissima do sr. José Maria Latino Coelho) na qual encontramos desenhada, a largos mas luminosos traços as épocas em que floreceram as sciencias em Portugal, e apontados os nomes illustres de varios portuguezes, que nesse ramo dos conhecimentos humanos se distinguiram.

Em tão rapido esboço não fora possivel abranger tudo nem admira que escapasse mencionar os nomes de Garcia da Horta, e de Pedro Nunes, bem como o dos cosmographos e mathematicos, que nos seculos XVI e XVII floreceram em Portugal.

Os assumptos, de que tratam os dois numeros já publicados são dispostos na seguinte ordem: 1.º *Mathematica*; 2.º *Physica e Chimica*; 3.º *Botanica*; 5.º *Zoologia*; *Varietades*. — A proposito de cada um destes ramos das sciencias apresentam trabalhos recommendaveis os srs. Daniel Augusto da Silva, e Francisco da Ponte Horta; A. V. Lourenço, A. A. de Aguiar, e E. Lautemann; C. M. Gomes Machado; J. V. Barbosa du Bocage, e F. de Brito Capello. — No 2.º numero devo particularmente assinalar um pequeno artigo de J. da S. Mengo, conchyliologista distincto (no auctorizado conceito do Sr. Bocage, que ha pouco falleceu, e era um empregado intelligente e probo. O artigo tem por titulo: *Descripção de um HELIX novo de Portugal*. (*Caracol de Bragança*). Se especialmente noto este pequeno artigo, é porque de-sejo pagar um tributo de louvor á memoria de um findo, que no meio das suas lidas de funcionario se dava ao estudo de um ramo importante das sciencias naturaes.

Saudo calorosamente a appareção do «Jornal das sciencias mathematicas, physicas, e naturaes»; e felicito os amigos dos progressos scientificos de Portugal, pelo auspicioso facto de se lhes deparar um repositorio que fazia grande falta e que por certo virá a ser um proficuo auxiliar nos estudos abstractos ou nas lucubrações experimentaes daquellas sciencias.

Fôra uma falta de delicadeza recommendar perseverança a uma corporação tão illustrada, como circumspetca.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO